

23/4/91 -
7 - do comércio

Os 90 anos de Abgar Renault

EVARISTO DE MORAES FILHO

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Palavras lidas na Academia Brasileira de Letras em 18 de abril de 1991:

"Com a morte do poeta Dante Milano, noticiava o Segundo Caderno de *O Globo* de terça-feira passada, 16 do corrente: "O último poeta do modernismo". Felizmente, o último poeta do modernismo está vivo, bem vivo, e se encontra entre nós aqui na Academia. Na véspera, dia 15, o nosso confrade Abgar Renault completava 90 anos. E ele foi um dos que participaram ativamente do movimento modernista, tendo colaborado nos órgãos mais representativos daquele movimento, desde *Antropofagia*, da corrente primitivista, até *Festa*, representativa da facção espiritualista, sendo da primeira hora também na colaboração em *A Revista*, de Belo Horizonte.

Sob o título *Recado de uma geração*, informa Pedro Nava, em março de 1978, na Introdução, à edição de *A Revista*, sob o patrocínio de Metal Leve S.A., de José Midlin, que, desde 1921, um grupo de jovens reunia-se no Café Estrela em Belo Horizonte. Dele fazia parte Abgar Renault, ao lado, entre outros, de Alberto Campos, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Francisco Martins de Almeida, João Alphonsus de Guimaraens. Dele participava também Pedro Nava desde o primeiro momento, vindo mais tarde a frequentá-lo, entre outros, o nosso Ciro dos Anjos.

Alguns anos depois, deste grupo, surgiria *A Revista*, que publicou três números, 1925/1926, tendo como fundadores Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Francisco Martins de Almeida e Gregoriano Canedo. Desses números, logo no primeiro, de julho de 1925, consta o poema de Abgar, *Ingenuidade*, datado de 1924, lírico. No número 3, de janeiro de 1926, lá está *Sabedoria*, dedicado a Emílio Moura.

Festa, cujo primeiro número data de outubro de 1927, sob a direção de Tasso da Silveira e Andrade Muricy, vindos do simbolismo e de orientação espiritualista, vai encontrar também Abgar entre seus colaboradores. Sobre as tendências da *Festa* referiu-se Muricy ao "lirismo esquivo" de Abgar Renault. Grande foi sua colaboração nesta revista. Em estudo sobre *Festa*, transcreve Neusa Pinsard Caccese, na parte antológica, três poemas de Abgar, vindo a receber dele o seguinte esclarecimento, bem de acordo com o seu temperamento: "Não tenho lembrança nenhuma do poema intitulado "Indiferença" e entendo que "E a vida sorriu..." não presta. Talvez venha a conservar em livro "poemeto Matinal" apenas".

"E a vida sorriu" ... é datado de 1924. Na mesma revista

aparecem ainda de Abgar *A triste parábola* e, sob o título geral de *O amargo desalento*, reúne *Inveja*, *A triste alegria*, *Indiferença* e *Poemeto Matinal*. Lá se encontram ainda a tradução de dois poemas de Tagore, *The Gardner* e seu poema *Ignotus*, dedicado a Dario de Almeida Magalhães.

Em *Antropofagia* lê-se no número 6, de outubro de 1928, *Balada triste*.

Sem tomar partido ostensivo de qualquer das correntes do modernismo, veio Abgar construindo sua obra poética, sempre fiel a si mesmo, de um "lirismo esquivo" a um pessimismo declarado e amargo. Como Leopardi, poderia ele dizer: "Fratelli a un tempo stesso, Amore e Morte." Denso, enxuto, quer na prosa, quer na poesia, bem sabe Abgar Renault que o adjetivo é o pior inimigo do substantivo. Como Machado de Assis, não é esparramado e não abusa das palavras. Diz sempre o que quer em palavras medidas e comidas, exatas, insubstituíveis.

Em 1942 publica *Poemas Ingleses de Guerra*, com 2ª edição em 1970. Faz editar pela Livraria José Olympio a tradução de três livros de Rabindranath Tagore, cuja mensagem é bem afeita ao seu espírito.

Mais de um crítico se queixou da dificuldade para o estudo de conjunto da sua obra poética, por se encontrar a mesma dispersa. Somente em 1968, em edição fora do comércio, publica pela Imprensa da Universidade de Minas Gerais, *A Lápide sob a Lua*. O mesmo acontecendo com *Sonetos Antigos e Sofotulafai*, de 1971. Somente em 1983, editado pela Livraria José Olympio, vem a lume *A Outra Face da Lua*.

Humanista, vernaculista, afeito aos clássicos, ao cultivo da língua inglesa — da qual é um dos maiores conhecedores entre nós —, aos estudos de educação e cultura, exerceu os mais elevados cargos nestes dois últimos terrenos, sempre deixando a sua marca por onde passou, imprimindo reformas e melhorando o que encontrou. Assim foi, para exemplificar, como ministro da Educação e Cultura, em curta administração e como secretário de Educação em Minas Gerais.

É a este nonagenário que saúdo com calor e reverência, com admiração e afeto, tendo diante de mim sua *Obra Poética*, editada pela Record em março de 1990. Aqui, de chofre e em um só volume, tem-se bem a medida do que significa dentro da poesia brasileira, "logo qualificado entre os maiores do nosso tempo, pela densidade espiritual junto à leveza, harmonia e forma castiça, sem a obscuridade do intimismo dos modernistas, nem a sujeição a escolas e regras do classicismo, tido como obsoleto, decaído do antigo prestígio original", nas palavras de Austregesilo de Athayde".